

A FORMAÇÃO DOCENTE E O NOVO ENSINO MÉDIO PARA ALÉM DE NOMENCLATURAS

Larissa Walter Tavares de Aguiar ¹
Giovanna Cristina Gomes de Melo Viol ²

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar o recorte de uma pesquisa quanti-qualitativa, realizada entre 2021-2022, que contou com a resposta de aproximadamente setecentas pessoas da comunidade escolar, em que se reflete, entre outros aspectos, sobre a percepção dos professores e demais profissionais da educação acerca da realidade atual do Ensino Médio e da reforma educacional proposta em 2017. O que chama a atenção às respostas apresentadas é o sentimento generalizado de insegurança dos professores em relação à apropriação deste novo cenário. Os dados colhidos na pesquisa indicam que a escola atual, com seu formato tradicional, não dialoga com os estudantes. Porém, o Novo Ensino Médio, em vias de implementação (com o primeiro ano obrigatório em 2022), ainda é percebido como um grande desafio, pois incide diretamente no cerne da educação e no dia a dia da escola, não contemplando, segundo os dados dessa pesquisa, treinamentos e formações efetivas para que o docente adeque suas práticas e perspectivas frente a essa nova realidade. Potencializando esse cenário, a maioria massiva dos professores acredita que as escolas, em seus aspectos estruturais, de coordenação, suporte e afins, não estão preparadas para o Novo Ensino Médio. Segundo o MEC, a reforma objetiva desenvolver o protagonismo juvenil e a autonomia nos estudantes, permitindo que vivenciem um Ensino Médio mais significativo para suas realidades, de forma a dialogar com a vida profissional e seu papel de cidadão no mundo em que vivem. Essa proposta afeta diretamente a rotina e a organização de todas as escolas secundaristas e dos pouco mais de meio milhão de professores de Ensino Médio do país. Por fim, concluímos a importância de oferecer uma formação agregadora aos docentes, de forma a muni-los com ferramentas e segurança no desenvolvimento de um Novo Ensino Médio para além de nomenclaturas.

Palavras-chave: Novo Ensino Médio, Formação docente, Educação.

INTRODUÇÃO

A lei 13.415/2017 e a portaria nº 1432/18 sancionaram mudanças estruturais para a última etapa da Educação Básica, o Ensino Médio. Por meio delas, todas as escolas do país precisam promover as mudanças previstas pela lei, a fim de que os estudantes tenham uma formação que dialogue de forma mais aproximada com a sua realidade, considerando as

¹ Doutora em literatura pela Universidade Federal do Paraná – PR, larissa@grupopremere.com.br;

² Especialista em educação pelo Centro Universitário de Maringá - PR, adm@grupopremere.com.br.

mudanças sociais, o contexto atual e as complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade nesse início do século XXI. A implantação é gradativa, iniciando-se com a 1ª série, já em 2022.

Entre as principais mudanças estabelecidas para o Novo Ensino Médio, estão a ampliação da carga horária de 2.400 para 3.000 horas, o fortalecimento do protagonismo dos estudantes e a aprendizagem com foco na formação de cidadãos e no desenvolvimento de habilidades e competências, a reelaboração dos currículos a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com a sistematização de dois blocos articulados, a Formação Geral Básica (FGB) e os Itinerários Formativos (IF). Os Itinerários Formativos são optativos, de acordo com a área de interesse e o projeto de vida de cada estudante, estabelecendo maior integração e flexibilidade curricular.

Ou seja, não se trata apenas de uma mudança de nomenclaturas, mas de uma transformação profunda no cerne desta etapa da educação, de forma que os objetivos a que se propõe sejam alcançados. E, com tantas mudanças estruturais, é impossível que não seja sentido e refletido também na prática pedagógica, impondo uma nova forma de ver, pensar e agir na educação.

Assim, temos os docentes como principais promotores à frente desse processo, o que desencadeia uma grande reflexão: nossos professores estão preparados para desbravar esse novo desafio?

Para responder a essa questão, realizou-se uma pesquisa quanti-qualitativa, com o intuito de ouvir a comunidade escolar sobre a reforma educacional proposta em 2017 e entender as necessidades para esse novo momento da educação. Os dados colhidos foram analisados e indicaram que grande parte dos depoentes entendem e concordam com a necessidade das mudanças, visto que a escola atual, com seu formato tradicional, não dialoga com os estudantes. Porém, há um sentimento generalizado de insegurança, na forma como esse processo se dará e na implementação disso no dia a dia da escola, principalmente no que concerne a treinamentos e formações efetivas para que o docente adeque suas práticas e perspectivas frente a essa nova realidade.

Para que possamos vivenciar um Novo Ensino Médio, para além de nomenclaturas, na rotina da escola, no protagonismo dos estudantes e na prática pedagógica dos professores, é imprescindível o oferecimento de formações agregadoras e significativas aos docentes, de forma a muni-los com ferramentas indispensáveis ao pleno exercício de sua profissão, abraçando o papel de problematizador e mediador na construção do conhecimento.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

O uso de dados tem se mostrado cada vez mais eficaz na análise, reflexão e entendimento acerca das mais variadas situações.

A sociedade, assim, está constituída pelo grande avanço das tecnologias onde as informações são transitáveis e velozmente modificadas, exigindo cada vez mais o desenvolvimento de pesquisas que analisem o contexto social, educativo, filosófico e o conhecimento produzido nas instituições educacionais. (RODRIGUES.; OLIVEIRA & SANTOS, 2021, p. 155)

As pesquisas desenvolvem, portanto, processos de investigação, coleta e interpretação de dados, com vistas à melhoria do objeto de estudo. Para Gil (199, p.42), a pesquisa é “[...] o processo formal e sistêmico de desenvolvimento do método científico, que tem como objetivo descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.”

Assim, a pesquisa é uma metodologia de múltiplas possibilidades, podendo testar hipóteses ou encontrar soluções, por meio da identificação e interpretação dos dados coletados, compreendendo as particularidades e apresentando um panorama geral acerca da questão em estudo. Em razão da forma como pode ser abordada, as pesquisas são classificadas em qualitativas e quantitativas, ambas com o foco no ponto de vista do indivíduo.

A pesquisa quantitativa é baseada em números, métricas e cálculos matemáticos, trazendo uma abordagem de quantificação e, conseqüentemente, um certo distanciamento do contexto na utilização de recursos de estatística e lógica. Já a qualitativa, tem um caráter subjetivo, pois avalia as narrativas, ideias e reflexões individuais dos participantes. Está relacionada

(...) aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhe dão (...) (BRANDÃO, 2001, p.13)

Diante disso, a combinação dos dados referentes às duas abordagens pode ser extremamente rica na compreensão e análise mais profunda do objeto da pesquisa. Para Flick (2004), ambas as abordagens têm convergências, possibilitando maior credibilidade aos resultados, na medida em que os dados estatísticos validam e fundamentam as observações e informações adquiridas.

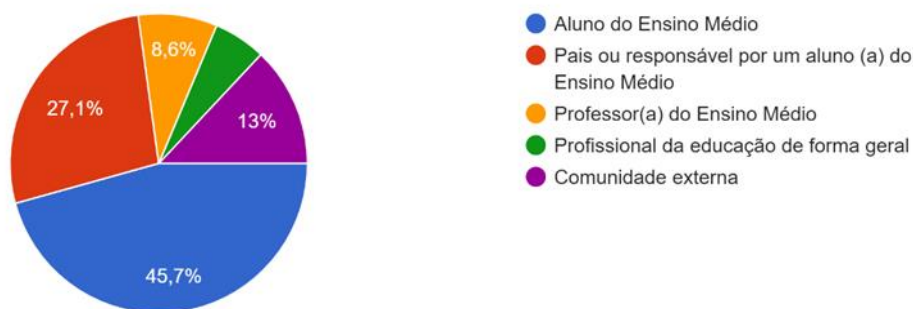
Por isso, optou-se por uma análise quanti-qualitativa para compreender como a comunidade escolar percebe o Novo Ensino Médio, seus desafios e suas potencialidades e se o docente se sente preparado para estar à frente desse processo.

A ferramenta utilizada foi a aplicação de um questionário online, Google Forms, realizada entre 2021 e 2022, com seiscentas e oitenta e sete pessoas da comunidade escolar, abrangendo alunos, pais e responsáveis, gestores e professores, da rede pública e privada de ensino.

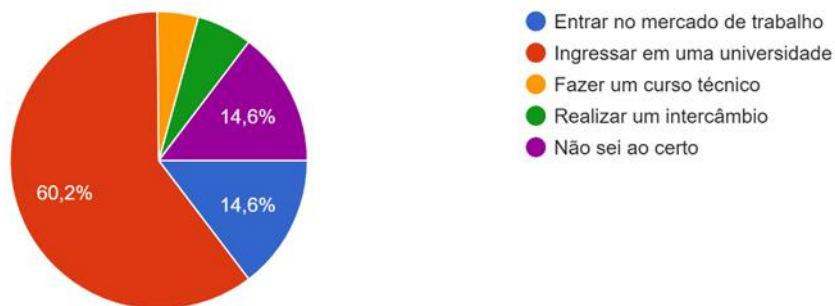
As perguntas abrangiam desde a inserção de ferramentas tecnológicas na educação, intensificadas em decorrência da Covid-19 e a contribuição do Ensino Médio na aplicação da vida diária e projeções pós-Ensino Médio até o conhecimento da nova proposta educacional, bem como a relação do Novo Ensino Médio com os vestibulares e com os agentes da vida educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio de um formulário *online* (*Google Forms*), foram coletadas 687 respostas, abrangendo alunos, pais, responsáveis, professores, profissionais da educação e comunidade externa, tanto de escolhas públicas, quanto privadas, de acordo com o gráfico abaixo:



Diante das questões gerais, 60,2% dos estudantes têm como meta o ingresso em alguma universidade, mas 14,6% não sabem ao certo o que desejam trilhar e outros 14,6% pretendem ingressar diretamente no mercado de trabalho.



Porém, a partir dos dados coletados, o estudante deixa claro que há um descompasso entre a meta escolhida e a preparação oferecida, visto que 11,5% não se sentem preparados para suas projeções e para a vida adulta e 46,8% se sentem parcialmente preparados. E apontam ainda uma queda significativa em seus rendimentos e aprendizagens durante a pandemia e o ensino híbrido, com 75,7% dos alunos indicando um desenvolvimento de regular a muito fraco.

De forma geral, os agentes envolvidos no ambiente escolar não estão seguramente cientes do Novo Ensino Médio, sua reestruturação, dinâmica e objetivos, pois, entre os estudantes, apenas 14,6% declararam conhecer bem essa nova proposta pedagógica, entre os pais e responsáveis, apenas 11,8%, 23,1% entre os profissionais da educação, 14,6% entre a comunidade externa e 54,2% entre os docentes.

Em relação a perceber se a instituição escolar está preparada para oferecer um novo Ensino Médio efetivo, com mudanças reais, apenas 37,1% dos estudantes acreditam que sim, 40% dos pais e responsáveis, 18,9% dos profissionais da educação, 4,4% da comunidade externa e apenas 6,8% dos docentes.

A pesquisa aponta que existe uma certa insegurança geral em relação às mudanças propostas, abrangendo questionamentos de relevância, dos efeitos positivos, da preparação frente aos processos seletivos de ingresso nas universidades e da forma como será estabelecido o desenvolvimento de habilidades que contribuirão para a vida profissional.

Direcionando o foco dos dados aos docentes, a grande maioria, 78%, acredita que o Novo Ensino Médio é uma necessidade real, pois a forma como estava sendo oferecido não dialogava com os jovens da atualidade e para 89,9% também não os preparava para a próxima etapa da vida: a universidade, o mercado de trabalho e a atuação social como um todo.

Apesar de 54,2% assumirem conhecer bem as diretrizes e propostas para o Novo Ensino Médio, quase metade dos entrevistados afirmam não ter propriedade para lidar com questões que já estão postas para a 1ª série no ano letivo de 2022 e apenas 6,8% acreditam que as escolas

estão realmente preparadas para proporcionar essas mudanças, apesar de 32,2% acreditarem que a mudança será real, conforme o gráfico a seguir.



Nesse levantamento é possível notar uma discrepância com relação à perspectiva dos professores, uma vez que uma minoria realmente muito pequena (6,8%) acreditam que as escolas conseguirão oferecer o suporte necessário para a implantação do Ensino Médio. Enquanto isso, praticamente um terço dos entrevistados (32,2%) enxergam que haverá sim uma mudança nessa etapa da Educação Básica abrindo, assim, uma complexa contradição, uma vez que a proposta do Novo Ensino Médio é reformular a perspectiva de como a educação é contemplada, por meio da ressignificação e/ou alteração dos espaços físicos, dos materiais didáticos, da organização das turmas, entre muitas outras questões. Nesse ínterim, é impossível proporcionar uma educação reformulada se a escola, enquanto instituição, não estiver ajustada a isso. Vale a reflexão, no caso, sobre o que os professores estão compreendendo como mudança de estrutura do Novo Ensino Médio e como a escola dará conta dessa mudança.

Além da reflexão acerca dessas respostas quase antagônicas, um outro elemento se destaca no gráfico anterior: a grande quantidade dos professores (67,8%) que não acredita que as mudanças serão efetivas e que o Novo Ensino Médio constará mais como uma mudança de nomenclatura do que uma reforma educacional efetiva. Nesse montante, uma maioria (62,7%) projeta que haverá pequenas mudanças, sendo que a reforma em si será mais documental do que prática. Já outros professores (5,1%) são ainda mais radicais e acreditam que nenhuma mudança vai ocorrer e as instâncias seguirão da mesma forma como já se desenvolvem há décadas.

Com relação à efetividade das mudanças educacionais a cada reforma, vale a reflexão de Antoni Zabala (2010) que comenta:

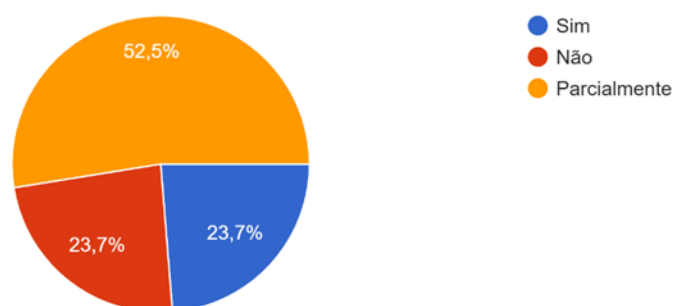
Como todos sabem, ideias por si só não melhoram o ensino e muito menos quando se limitam à forma de ensino daquilo que deve ser tema da educação. Se ao final, o avanço consista somente em mudar os nomes dos objetivos educacionais, o

pensamento de Lampedusa continuará se cumprindo de maneira persistente, no qual, uma vez mais, as mudanças aparentes servem, apenas, para que tudo continue como igual. (ZABALA, 2010, p. 10)

O que se percebe, desse modo, é que ao pressupor que a escola apenas altere a sua oferta de Ensino Médio a nível documental, o que se tem é a manutenção de uma realidade que já está posta e compreendida como insuficiente ao contexto contemporâneo. Nota-se essa insegurança quando se questiona sobre a continuidade da vida acadêmica do estudante, sendo um dos caminhos possíveis diante do encerramento do Ensino Médio o ingresso na universidade.

Grande parte, 78% dos professores entrevistados, não sabe ao certo se essa nova proposta vai contribuir com a entrada do estudante na universidade, mesmo acreditando que os vestibulares se adequarão às novas demandas e necessidades, dialogando com a proposta educacional estabelecida pelas normativas vigentes. A realidade que os professores conhecem, a nível de vestibular, é de uma prova tradicional, que cobra conteúdos e um ambiente acadêmico que pouco discute (a nível de extensão, pelo menos) sobre o aprender e ensinar por meio de habilidades e competências, sendo assim, o que as respostas dos docentes refletem é uma esperança de que as universidades se adequem, porém, o receio diante do inesperado, tendo em vista que são pouquíssimas as universidades que emitiram qualquer indicação da forma como os processos seletivos contemplarão as reformulações na educação básica.

O que se escancara é um sentimento de despreparo, mas não são apenas as escolas que não estão preparadas a nível estrutural. Segundo a pesquisa, apenas 23,7% dos professores se consideram realmente preparados para o Novo Ensino Médio e suas dinâmicas, conforme o gráfico a seguir, que indica a resposta à pergunta “Você se sente preparado para as mudanças do Novo Ensino Médio?”.



Ao indicarem que não se sentem completamente preparados para as novas demandas do Ensino Médio, é válido ressaltar que o professor deve ser capaz de perceber (e ser) a escola como elemento ativo no processo de desenvolvimento dos estudantes nos níveis sociais,

interpessoais, pessoais e profissionais, destacando que as competências requeridas para agir de modo contundente em todas essas esferas são numerosas e bastante complexas. Como bem coloca ZABALA (2010):

Cada uma delas [as competências necessárias para atuar nos mais variados campos da vida do jovem e seus desdobramentos na vida adulta] é composta de atitudes, habilidades e conhecimentos que, por sua vez, dispõem de diferente grau de cientificidade. Alguns desses componentes sustentam-se claramente em ciências estáveis e bem definidas, mas em muitos outros casos o procedimento é compartilhado por várias disciplinas, em outros o apoio de uma determinada ciência é fraco, e em alguns outros componentes não existe procedimento disciplinar algum. Considerando essas características, o modelo tradicional de organizar o currículo mediante matérias ou disciplinas convencionais para um ensino focado no desenvolvimento de competências para a vida é adequado? A análise das competências nos permite concluir que sua fundamentação não pode ser reduzida ao conhecimento que os saberes científicos fornecem, o que significa realizar uma abordagem educacional que considere o caráter metadisciplinar de grande parte de seus componentes. (ZABALA, 2010, p. 13)

Essa reflexão indica o quão complexo é o lecionar nas novas dinâmicas e o quanto os professores da atualidade não foram formados para isso quando passaram pelos bancos acadêmicos, ou seja, mais do que nunca há uma necessidade urgente de atualização e de readequação das práticas pedagógicas propostas até então. O docente precisa sentir estabilidade na coordenação pedagógica nesse processo de transição para o novo, uma coordenação que acolha as fragilidades e instrumentalize os profissionais com coerência e segurança, para que eles possam aplicar as reformulações previstas em lei, com o foco de adequar a educação básica ao ser mais importante do processo: o aluno. Ele é o protagonista desta jornada e precisa ser enxergado como tal, sendo o restante da comunidade acadêmica suporte para sua formação integral enquanto cidadão no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independente das condições, o Novo Ensino Médio está posto e projetado para ser implementado de forma gradativa, finalizando seu ciclo em 2024, quando abrangerá toda essa etapa da Educação Básica. A grande questão é que se estabelecem dois pólos: de um lado, a resistência à mudança, como toda resistência, provavelmente pautada pela insegurança e pela não apropriação dos processos e, do outro, a esperança de que a educação alcance o objetivo a que se propõe, dialogando realmente com nossos jovens e garantindo uma formação integral,

que contribua para a formação de sujeitos mais críticos, atuantes e conscientes da sociedade em que estão inseridos.

Esses polos são percebidos inclusive de forma estrutural na resposta dos docentes. Algumas respostas e suas porcentagens acendem para nós, analistas, uma contradição que, aparentemente, não parece ser percebida pelos professores, pois pouquíssimos acreditam que as escolas terão estrutura real para contemplar as mudanças propostas pelo Novo Ensino Médio. Enquanto uma quantidade significativa de professores acredita que essas mudanças realmente acontecerão, com esse cenário, essas mudanças não aconteceriam de forma efetiva, visto que a escola não teria estrutura ou suporte para tal, ou seja, as mudanças não seriam possíveis. De forma semelhante, muitos têm dúvidas quanto ao suporte que o Novo Ensino Médio dará aos alunos que almejam ingressar em uma universidade e, em contrapartida, acreditam que os vestibulares se adequarão às novas perspectivas, formando, novamente, um cenário contraditório, uma vez que, se o vestibular se adequar ao NEM e as escolas oferecem esse ensino, não haveria uma discrepância entre a formação do Ensino Médio e a preparação para entrada na universidade. Essas contradições reforçam o sentimento de incertezas, preocupações e inseguranças que assolam os profissionais da educação diante desse novo cenário. Apesar das contradições (ou justamente por meio delas), alguns acreditam que o Novo Ensino Médio poderá abrir outros campos de possibilidades, como senso crítico, cidadania, autonomia, preocupação com o papel social e preparação para o mercado de trabalho.

Para além dos polos, fica clara a necessidade de se estruturar formações significativas, principalmente aos docentes, que estarão no dia a dia com os alunos. Por meio de formações continuadas e direcionadas é possível muni-los com as ferramentas metodológicas necessárias na ampliação das novas perspectivas educacionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos aqueles que se dispuseram a responder à pesquisa que realizamos, bem como aos que também ajudaram na divulgação e na propagação dela, permitindo que pessoas de contextos completamente diferentes pudessem contribuir para esse trabalho.

Agradecemos, sobretudo, aos professores que, ao responderem à pesquisa com sinceridade, não tiveram receio de apresentar um aspecto de vulnerabilidade da classe. Só assim é que pesquisas e mudanças podem ser feitas.



REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.
- GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.
- RODRIGUES, Tatiane D. F. F.; OLIVEIRA, Guilherme S. & SANTOS, Josely A. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.
- ZABALA, Antoni. **Como aprender e ensinar competências**. Trad. Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Penso, 2014 E-PUB.